

SEMANARIO HUMORISTICO

ROZINA

Direcção Literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA, DR. KNOX e OCTÁVIO SÉRGIO

GASTARAM-SE OS "GOALS," TODOS



Com tanta força de «amor», o Waldemar «bem fica» mártir

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

PLANO GERAL

— DO —

GRANDE CONCURSO

PIM-PAM-PUM

que só se iniciará no próximo
número de a MARIA RITA

Será publicada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 26 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente, serão atirados **CINCO BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas.

Na 1.ª Semana	9 bolas
» 2.ª »	8 »
» 3.ª »	7 »
» 4.ª »	6 »
» 5.ª »	5 »

Ficarão portanto a favor do concorrente 10 bolas, porque entre os 26 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tomar, recitará **um ponto** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

1 PONTO por cada boneco em que acerte.

Para contralhar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, cinco envelopes, que serão abertos todas as 6.ªs feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a MARIA RITA publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por ele poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem atribuídos estarão certos.

Graça — Distracção — Maçaroca

Na próxima semana daremos a lista dos prémios e a forma de distribuição.

**Nem favoritismos
Nem subterfúgios**

O que é preciso é

SORTE E BOA PONTARIA

As séries de **tiros**, que serão feitas directamente na barraca que a MARIA RITA publicará no próximo número, devem ficar na nossa redacção até Quinta-feira à noite da semana seguinte que corresponder à série.

Experimentem a sua mão certa

Vá lá ver a sua sorte

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado depois da primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** publicadas desde o início e ser-lhe-ão marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	= 2 pontos
2 » » »	= 4 »
3 » » »	= 6 »
4 » » »	= 9 »

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados os que jogam desde o início, toda a gente poderá concorrer ao nosso grandioso concurso nacional de

PIM-PAM-PUM



Factos e prestações

Crónica anacrónica

D. Marta de Mesquita da Câmara, escritora ilustre a quem a hereditariedade concedeu o dom de manejar destramente a ironia e o paradoxo, acaba de formular no *Primeiro de Janeiro* um voto curioso: que os críticos e revisores da História — e provavelmente também os da história... natural — libertem o burro do acervo de calúnias que sobre esse simpático animal tem desabado.

Com efeito, não há adjectivo feio ou pejorativo com que o burro não tenha sido contempulado. A distinta poetisa acha o facto injusto, atendendo a que nesse quadrúpede concorrem qualidades dignas de registo e relêvo. E pede que, após minucioso e imparcial estudo, se rehabilite o burro dando-lhe, no quadro dos animais nobres, o lugar que equitativamente lhe compete.

Tem razão D. Marta da Câmara. Mesmo que o burro não fosse tudo aquilo que a ilustre escritora pretende, a verdade é que, alçapremando-o na escala dos valores sociais, os revisores da história estariam no seu papel. Piores coisas tem eles feito, com uma seriedade e uma petulância que fazem escancarar, de orelha a orelha, a bôca de quem os lê. Já vimos D. João 3.º e D. João 5.º guindados à categoria de grandes reis. Quanto a D. João 6.º — para não sairmos da homonímia real — esse, então, foi um monarca admirável, infinitamente superior, em talento e mais partes, aos seus antecessores; a sua fuga para o Brasil representou um de estes formidáveis rasgos de argúcia e de previsão política; e se trazia frangos assados nos bolsos... era para ter sempre à mão os meios de remediar qualquer superveniente crise económica.

Pelo que respeita a D. Carlota Joaquina, foi igualmente uma rainha magnífica, a quem o sr. dr. Bernardino Machado, a-pesar-de empedernido republicano, tiraria respetosamente o chapéu. Soube desempenhar como poucas o seu papel de soberana, de esposa e de mãe. Com a vantagem, ainda, de ser honestíssima. E' verdade que os contemporâneos lhe assacaram não poucos amantes. Mas quem estava livre de calúnias naqueles negregados tempos da eclosão do não menos negregado liberalismo?

E se é assim que devem ser vistas as coisas, e se é este o critério a aplicar, porque não sa-

cidirmos de sobre o burro o conceito depreciativo em que o temos, começando por fazê-lo comendador de S. Tiago e terminando por invertermos os termos do quebrado em tôdas as estátuas equestres? (1)

Sem embargo de pleitear a favor do burro, a própria insigne cronista descamba em injustiças para com êle. E' assim que nos assevera ser esse «pobre irracional uma caricatura grotesca do alado Pégaso». E eu solícito da ilustre plúmbea licença para discordar. Jámais o burro foi uma caricatura do Pégaso. O Pégaso é que constitue uma caricatura do burro. O burro — que, como D. Marta da Câmara muito a propósito anota, foi montado por Sancho Pança, Santa Isabel, a Virgem e Cristo — é o bom senso, a humildade, a modéstia, a pureza, a dedicação, a renúncia. O Pégaso, cavalgado pelos poetas de hoje, comporta-se exactamente ao contrário: é a lucucura, a vaidade, a petulância, o erotismo, o egotismo, a adoração de si próprio. De que lhe servem as asas se, como os avestruzes, há muito deixou de voar? E as próprias patas, travadas desde longo tempo pela impotência funcional, arrastam-se num chouto miudinho, rentes com o chão, em marcha cadenciada e vagarosa, sem arrancos e sem impetuosidade.

Enquanto que o burro...

Valha-me Deus! Agora me ocorre que há também uma certa classe de burros que pela sua estupidez, pelo seu egoísmo, pelo seu anseio de se instalarem bem e rapidamente na vida, pela sua audácia e pela fúria permanente de escocearem o próximo, se assemelham pavo-

(1) Não vão os cultores da Zoologia objectar-me que o animal empregado nas estátuas equestres é o cavalo e não o burro. Para o caso os dois animais confundem-se, visto ser idêntica a mentalidade.

rosamente aos homens. Foi para estes, e por causa de estes, que Fialho criou a célebre *bonfada*: O parlamento, que máquina admirável! Mete-se-lhe um burro, sai um deputado; mete-se-lhe o deputado, sai um ministro; mete-se-lhe o ministro, torna a sair o burro.

Creio ter sido este um dos motivos por que se fez uma revolução para fechar o parlamento: exactamente como o personagem mítico limpando as cavalariças de Augias. Mas nem por isso este género de solípedes diminuiu. Abriu-lhes as portas, magnânima e generosamente, a Academia das Ciências. E os que lá não couberam ficaram adidos, — à espera de vaga em qualquer Faculdade de Letras.

Marçal Jordão.

OS MEUS BONECOS

III

HITLER



Marçal Jordão
1932

O homem que guia um povo sem guias...
de bigode.

Balancete da semana

Passou o S. João:
noite má, de cacimba e neveiro;
solstício de verão
em dezembro ou janeiro.
Aquilo foram mais do que orvalhadas.
As rusgas que insistiam
em percorrer as ruas e as estradas,
em água se embebiam.
Por seu turno, as cascatas
eram, mais que cascatas, cataratas.
Foi a primeira vez
(embora lhe cantassem: «Repenica»)
que S. João, encostado à sua res,
tremeu de frio e não suou em bica.

*

Os presos da cadeia de Estarreja,
na noite em que êste santo se festeja,
puseram-se a pensar
que era bem triste ouvir lá fora as danças,
e êles ali fechados, sem esp'ranças
de poderem gozar.
E resolveram praticar um rombo
na parede mais frágil da prisão.
Depois, à custa de um ou outro tombo,
passaram para fora, — e êles aí vão!
Uma por uma, foram percorrendo
as fogueiras da vila e arredores:
bailando aqui o vira, ali bebendo,
queimando mais além fogos de cores.
Uma noite de pandega rasgada!
o que se chama uma noitada cheia.
Mas ao tremeluzir da madrugada,
voltaram p'ra a cadeia. . .
E o carcereiro, os escrivães, o juiz,
vendo aquilo, quedaram-se surpresos.
E' que os homens mais dignos do país,
honrados e gentis,
são justamente aqueles que estão presos. . .

*

A Rússia dos Sovietes, a *tenir*,
sem cinco reis para passar o inverno,
pretende contrair
um empréstimo externo.
De novo vai pedir à França amiga
(a quem ferrou, depois da guerra, o *cão*)
que lhe valha no transe em que periga,
em tamanha aflição.
A França cairá inda outra vez?
Sabe-se lá! Talvez. . .
Se a Rússia não pagou,
no semestre que há pouco terminou
o governo francês
de idêntica maneira se portou.
E não paga a Alemanha,
não paga a Austria, a Grécia, nem a Hungria,
nem ao Brasil um só ceitil se apanha.
Coisas banais que já ninguém estranha,
que entram no dia-a-dia.
Só o pobre Portugal, pontualmente,
entrega as prestações.
Porta-se como um parvo ou um demente.
Razão tem o Gondim quando, insolente,
nos alcunha de escória das nações. . .

Terça-feira última foi um dia aziago
com todos os requisitos.

— O Pôrto ficou reprovado na Universidade de Coimbra, logo na prova escrita.

— A Conferência Económica Internacional teve mais uma sessão e não meteu nem um *goal* no assunto.

— Na Bulgária efectuaram-se 1.111 prisões, e o Vítor Silva continua solto.

— Houve um esbôço de atentado contra o sr. Azaña e o homem continuou a dirigir os destinos de Espanha.

— Interrogado o Alvarito sobre as razões de não ter jogado, respondeu que estava com o ponta-pé muito forte e não queria dar cabo das bolas.

— O Hitler não tendo mais ninguém para expulsar da Alemanha, decretou a sua própria expulsão.

*

E ainda houve mais coisas espantosas neste malfadado dia que pôs o Pôrto fora da grande conflagração de portiva.

Na América Norte, por exemplo. Uma comissão constituída por admiradores de Mark Twain e da MARIARITA, está angariando os meios necessários para a fundação de uma cadeia de humorismo nas principais universidades dos Estados Unidos.

A ideia é original, e se bem que pareça impraticável, não o deve ser em virtude do muito que tem adiantando a ciência neste século.

Entre nós, porém, parece-nos dispensável esta cadeia. Está provado, simo, pelos últimos cortejos carnavalescos e piadas congêneres, que os nossos estudantes são os detentores da graça nacional. E se é certo que um humorista é quasi sempre um neurastênico e uma pessoa soturna, não resta dúvida nenhuma que os estudantes de hoje são os melhores humoristas do mundo.

Lá tristes são êles, benza-os Deus! A única coisa que se ri no todo dêles é a capa cheia de buracos e remendos. Quanto a êles, coitados, são portivos dentes como figos. São figos. . . capa rota.

Agora mestres de humorismo faltam. Rara é a lição nas nossas escolas em que êles não fazem rir a gente a burdeiras despregadas.

O Douto sr. Agostinho, vinha a Comércio do Pôrto de Domingo último a dizer que «o que digo dantes não digo agora». Ainda veio a tempo. O que foi pena foi não ter dito o nome do jornal que o chamava a capítulo. Tanto bem foi pena não ter sido na 3.ª edição porque assim ficava o dia complexo.



PROJECCOES DE BRAGA

Ecoss do S. João: Os esguichos da chuva na terra do vinho verde—Marmelos, pirolitos e bananas—No curral da Avenida—Fora do dito—Estalos, Calos & C.—Outras palheiradas

No dia 23, Sua Magestade a chuva, a pedido do sr. Dr. Alberto Cruz ainda conteve, menos mal, a bexiga dilatada.

E foi por isso que nos Países Baixos (S. João da Ponte) houve brincadeiras de grande estilo, em posições várias e por sitios diferentes.

Entre o pó do terreiro e *soutiens* perdidos aqui e acolá viam-se, em grande abundância, mesas ambulantes com fruta fresca e fruta em compota solidificada.

As mulheres não cessavam de chupar pirolitos de pêssego e muitas delas, com risco do olhar furibundo das patroas, não largavam, da mão, grossas bananas quarentonas.

Os homens, bem menos exigentes, preferiam acima de tudo e por tudo o marmelo pouco maduro, que tivesse passado por poucas mãos, mas que fôsse bem desenvolvido.

Gostos não se discutem.

Em volta dos coretos de música, onde os mestres agarrados às batutas operavam prodígios de curvas e rectas, e onde alguns súbditos, agarrados aos pífaros, arruinavam o peito—dançou-se com grande aproximação de caveiras e entusiasmo membril.

Algumas sopeirinhas, quasi tão ingénuas como a Catarina II da Rússia, ao desmontarem dos *cavalinhos* vinham tontas de amor, com rosas cheiras à Soares dos Passos.

E' que isto de apertar solpedes entre os joelhos pode causar... dilúvios.

Pela estrada de Guimarães, negra como o apelido do Rolão, jogou-se até à loucura o *esconde, esconde* e o *dá-me... lume*.

O logo foi tudo quanto há de mais banal, Não houve o dito de Bengala, por falta de castão próprio e ponta rija.

As *bichinhas de rabiar* actuaram com frenesi, parelhamente com *granadas de mão*, produzindo casos muito sérios.

Os *foguetes de assobio* conquistaram congestionados aplausos, porque este ano (o progresso galopa, caramba!) reproduziam com auxilio de bemois, sustentidos, fusas e infusas, a célebre ópera de Wagner: o *Cochicho da menina*.

No dia 24, Sua Magestade a chuva, não podendo mais, com os gânglios enfunados e as veias em estado comatoso de dilettação precoce, —afastou as pernas como se fôra um compasso, abriu as válvulas da pressão e... zás, ai vai disto.

E foi um tal entornar!

Os balões começaram a gemer com reumatismo rotular e dores de dentes; algumas lâmpadas fundiram com o *dellrio tremens*; os paralelepipedos, o tétano roxo, saltaram do pavimento.

Muitos forasteiros puseram-se a cavar, cantando com força:

O S. João dêste ano
Está impossivel d'aturar;
Basta de tanto chover,
Basta de tanto esguichar.

Os que ficaram em Braga foram passear, de chupo aberto e chapéu de palha, para a enfiada Avenida.

Pingou toda a tarde! Mas por fim, o sol pôe-se e desse fenómeno resultou, até parece impossivel!, a morte da chuva. Que tal a impetuosidade de Apolo!

A noiteinha... música de panda.

No curral da Avenida meia dúzia de pessoas, aborrecidas como seminaristas, gastavam solos, cores, e energias.

Luz a jorros; vestes piroleiras; meninos sem cabeça (perdão, sem chapéu); risos lorpas; sorrisos de ginja em calda; olhos em branco niveo, etc., etc.

Cá fora (dizemos cá, porque nós não

entramos) passeando em torno da *Gafaria dos 5\$00*, a maior animação.

As mãos mexiam mais do que os pés e do que braços de polvo em exercício diurno.

De quando em vez ouviam-se gritinhos histéricos e também... (se estamos na Sede do Catolicismo!) vocativos sacros: *Meu grande filho da... virgem!* Vozes de comando como *vai às bordas de mertola*, deliciavam-nos, com frequência, os tímpanos marotos.

Não se registaram, contudo, estalos de maior, mas alguns calos recolheram aos hospitais, com olhos fracturados.

Ao bater da meia noite, dois minutos e um segundo, começou o esperado fogo da soltura.

As bocas abertas nada soferam porque, contra a nossa expectativa, a Magnésia Trazia, à mistura, carradas de bismuto.

No dia 25. Quasi o mesmo reboliço da véspera.

Apenas as rendilheiras de Vila do Conde conseguiram, com os seus bailados lascivos, produzir calor.

No fim do regabope, quando acendíamos um cigarro, ouvimos um moço, tímido como aranha parturiente e escarlate como lingua de pescada, acercando-se duma rapariga de truz, carnes frescas e seio de aço, dizer aos sacões: —Dás-me um beijo, Rosa?

Resposta dela: —Foi só por isto e para isto que vieste cá? Mais te valera ficar a dormir na cama ou a untar uma pistola de dois canos.

Reporters Unidos.

PERFIS DO PORTO

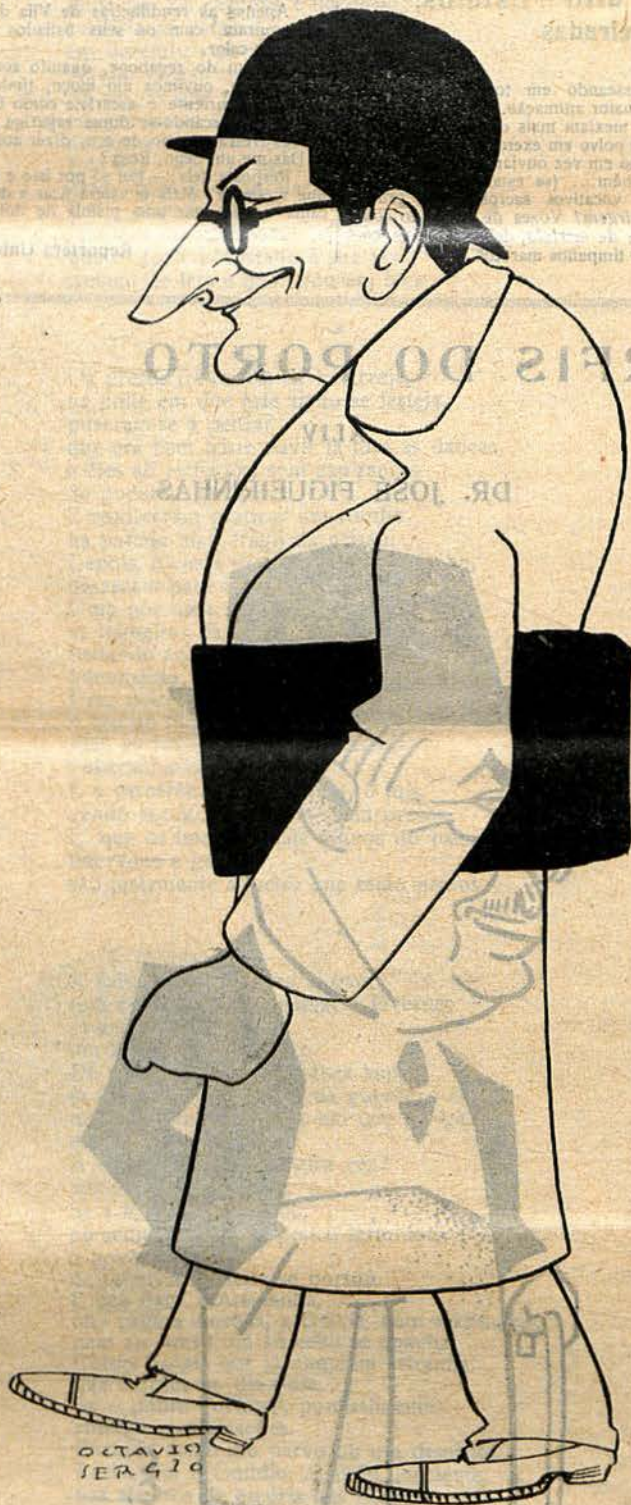
XLIV

DR. JOSÉ FIGUEIRINHAS



O médico das águas... sem ser de nenhuma Caldas

Dr. Carlos Santos



OCTAVIO
SER 479

Oh! que famintos beijos na floresta

Canto 9.º

Será verdade?

— Que o escrivão P. acaba de vender o seu potentíssimo «Cottin» a uma importante Companhia de Navegação que o vai adaptar para rebocador do alto mar?

— Que o Dr. M. M. foi encarregado de fotografar todos os cartórios, colorirlos e enviar as respectivas provas para o M. da J.?

— Que há um cartório excluído por falta de luz?

— Que se vai realizar um grande desfofo de foot-ball entre duas equipas constituídas por advogados; profissionais contra infantis?

— Que o guarda rédes da primeira equippe é o Dr. M., a quem a O. dos A. notificou de que lhe não era permitido entrar em campo com os calhaus que costuma ostentar, por serem considerados armas de arremesso?

— Que o treinador da segunda equippe é o Dr. P. F.?

— Que há um advogado, aliás muito distinto, que sai todas as noites sem chapéu?

— Que há um oficial, que por capricho do destino está sempre vigilante e não pára de trabalhar? Será o R.?

— Que o solicitador J. O. F. vai editar um livro com o sugestivo título: «Eu e a minha Comenda»?

— Que na reunião da C. dos S. foi notada a boa camaradagem dos seus membros?

— Que nada interessa que os que estão de fora se não dêem bem?

— Que algumas reuniões o tema é sempre o seguinte «A saúde do Sr. Presidente e as suas viagens»?

— Que quasi chegamos a confundir com o «Rotário»?

— Que os sollicitadores vão passar a ser... o que o Sr. M. quiser?

— Que esta coisa de ter curso, hoje não serve para nada?

— Que não sabem para que foi preciso tirar o 5.º ano do liceu?

— Que os carros pequenos estão tendo grande procura pelos Srs. Advogados?

— Que o «Dominguinho» está tão abatido com o desgosto de Domingo?

— Que sempre rasga o cartão desta vez?

— Que foi preciso injectá-lo para lhe evitar uma síncope?

— Que o Álvaro do Tinoco queria que lhe disséssemos alguma coisa aqui a seu respeito, mas não lhe damos essa honra?

— Que só quando mudar a camisa... então sim?

— Que mais uma vez se provou a grande esponja que é o Domingos?

Garganta de Prata.

Novidade Sensacional

Brevemente a MARIA RITA começará a publicar em folhetins um extraordinário romance de amor, mistério e aventuras, que se intitulará

O Mistério da Rua de Entreparedes

novelística história que gira à volta de umas cartas importantes e cuja veracidade se garante.

O Mistério da Rua de Entreparedes

quer pela sua acção importante na vida citadina, quer pelo seu complicado e enigmático desenvolvimento, está destinado a ser um formidável folhetim.

No próximo número daremos mais detalhes sobre esta sensacional novidade literária que uma pena fortíssima escreverá.

DESCANSO SEMANAL

Um feixe de coisas boas. Um Doutor de Monção que além de ser correspondente do "Janeiro" vende batatas e cebolas nas horas "vagas". Larga o ósso...

Há de haver uns 4 ou 5 números, a MARIA RITA nesta secção, transcreveu de *O Primeiro de Janeiro* uma notícia das Caldas de Monção, em que o seu autor além de chamar *tropegeantes* aos aqüistas, todo se lambia ao descrever-lhes as enfermidades que os lá levavam. E nada mais diria, se o correspondente não tornasse à estacada defendendo-se do termo em questão, em termos pouco loquazes e nada afirmativos.

E' claro que a MARIA RITA raras vezes perdoa; e por isso tratou de saber o nome do novo Agostinho de Campos, de Monção. E soube-o. Chama-se Pinho e é doutor junto das Caldas por direito e é doutor junto das Caldas por direito de Deus Padre, a-pesar-de não ser *tropegeante* nem andar de muletas.

Temos um arquivo fotográfico dos melhores que há na nossa terra; e lá fomos buscar a fotografia do célebre doutor, que hoje estampamos para perfeita elucidação dos nossos leitores.



Aqui a teem com todos os pertences. Nela se vê o nosso homem entre umas dúzias de cebolas e outras tantas batatas, para demonstrar ao respeitável público que a agricultura não é incompatível com a medicina. Pode ser, no entanto, que alguém lá na terra, tenha vontade de o mandar plantar batatas, e é por isso que êle está armado até às barbas.

Além destas, sabemos muitas mais coisas d'êste formidável monçanense que teve a bellissima ideia de mandar levantar um andar ao balneário lá da terra, como se fôsse possível que um *tropegeante* subisse e descesse escadas para tomar o milagroso banho das Caldas de Monção, que não teem culpa nenhuma de terem defensores da natureza d'êste.

Essas coisas, porém, virão a seu tempo, se necessárias forem.

Em a *A Concórdia* semanário que se publica nos Arcos de Val-de-Vez, lemos o seguinte período numa notícia de um funeral:

O cadaver foi lançado á sepultura com 15 sacerdotes...

E só nos resta chorar sinceramente a sorte do defunto, que nem depois de enterrado teve o descanso merecido.

De o *Noticias*, de Lourenço Marques, recortamos a seguinte noticia:

Uma agressão curiosa

O indigena Miguel Bartolomeu da Costa, morador na Machangalene, apresentou queixa na policia contra a indigena Machassa, moradora na Avenida Pero de Alenquer, acusando-a de lhe ter apertado o pescoço fazendo-o deitar a lingua de fora, e depois mordido esta, separando-lhe a ponta.

Ora aqui está um caso que gostaríamos de apurar convenientemente. Onde diabo teria o Bartolomeu as mãos, no momento em que ela lhe apertou o gasganete? Aqui deve haver gato... Se calhar, êle já estava com a lingua de fora há muito tempo e ela, que não é nada para temer contágios, deu-lhe um beijo prolongado e levou-lhe a ponta do delicioso apêndice que fica bem com tudo, até com ervilhas à bordalesa.

Agora do que temos a certeza é que o Bartolomeu, por mais que estude e decore não volta a saber nada na ponta da lingua.

Do tal *Jornal Lusitano*, transcrevemos uma curiosa noticia desportiva.

No Campo do Bolhão

Filões, 13.

A convite do *Filões Sport Club*, visitou-nos no passado aomingo, 3 grupos,

sendo o primeiro encontro com um grupo mixto das Caldas de S. Jorge e as 2.^{as} categorias do grupo local, saindo este último vencedor por 1 0.

Em seguida, realizou-se o das Reservas do *Lamas Football Club*, com iguais categorias do grupo local, terminando êste, por score 3 2 a favor do grupo local.

Terminado este, teve tuico o encontro das 1.^{as} categorias de honra do *Lamas Football Club* com iguais categorias do grupo local.

Este encontro, como se esperava, decorreu com a máxima animação, em que foi sem dúvida uma das tardes que o *Filões Sport Club*, deu provas a todos que o presenciaram, de um futuro grupe competente para se enfrentar com alguns grupos de elevada categoria.

Neste desafio se notou a grande prosperidade que de dia para dia este grupo alcança, porque não se deixou curvar perante o seu adversário, embora este tivesse como direito a vitória visto ser um grupo equivalente ao grupo local.

O resultado obtido neste encontro, foi o empate de 2 bolas para cada contendador.

O *Lamas Football Club*, como não esperava tal surpresa, do seu adversário, abandonou o campo antes da hora, culpando o sr. Arbitro.

O serviço do arbitro que foi confiado a um patricio da *Lamas Football Club*, prejudicou bastante o grupo local.

Não admiro o grupo visitante, querer deitar culpas ao sr. Arbitro, pois que antes de principiar o jogo, deitavam pela boca fora que era um goal para cada jogador do grupo local.

Por isso ficaram envergonhados que arranjaram a culpar o sr. Arbitro, para se desculpar a êles.

Foi inumerosa a assistência que assistiu a êstes encontros, aonde se conteve correcta.

E. C.

Raios nos partam, se aqui não andam pés de Cacia. Coisa tão perfeita e tão incompreensível, só dos homens do Damião.

A gente lê o que aí fica e no fim do fim não percebeu sequer quem ganhou a partida.

Só o que sabe de positivo é que foi inumerosa a assistência.

E não cai do céu uma chavinha!...

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

O Concurso Hípico Internacional



LOGO de entrada, quando na bilheteira nos pediram vinte-e-seis escudos para ir ver os cavaleiros espanhóis, a nossa vontade foi largar uma interjeição portuguesíssima. Mas como *Ela!!* também lá tinha ido (de borla, é claro), lá nos sujeitamos àquela operação dentária, pagando, embora nos fartassemos de bufar tóda a tarde.

O campo estava o que se chama um brinquinho. Muito luzidio, muito molhadinho e as pessoas que se não podiam abrigar nas bancadas, pareciam, debaixo da chuva, frangos encolhidos com frio.

Na assistência, muitas caras conhecidas: a nossa, as dos nossos amigos,

Mais uma... Pitada

Respondendo ao ilustre confrade de "Olegia", de Aveiro em 16-4-33

Com o desenrolar da fita,
No verso que burilou,
Atrapalhou-se, parou,
Pra maior ser a desdita.

O colega não provou,
Que a nossa MARIA RITA
A-pesar-de ser catita
Não cheirava, nem cheitou.

Pois se ela tem tabaqueira
Que importa lá a maneira
Que ela cheire... até que dê.

A cheirar, por brincadeira,
Porque a sério dava asneira...
Que lhe parece a Você?

Rei LOURO.

Uma operação dentária — A assistência Burros e éguas

as das nossas amigas, as daqueles que nunca vimos, etc., etc.

Cá estava o senhor X, a senhora Y, as meninas Z, etc., etc. Algumas pessoas de barbas, abrigadas na bancada. Outras, com elas de mólho, na pista, como o Dr. Aguilhar, que as tinha molhadas até aos ossos, se é que as barbas teem ossos.

encolher, a pular, tropeça aqui numa vara, derruba acolá um obstáculo, até acabar o percurso, muito mal humorado.

E veio outro burro, um cavalo forte, valente. E' o que se chama um cavalo duro... de bôca.

Atrás dêste, outros, estes agora moles.



Ao longe, para além do campo, burros e éguas, aos saltinhos, contentíssimos por verem ali tanta gente para admirar os seus talentos.

Com os olhos no mastro! Alguma chuva, para entreter

E começou o concurso. Um alto-falante, muito mal-falante, muito roufento, disse qualquer coisa que ninguém percebeu.

Entrou o primeiro cavaleiro. O burro, muito admirado de que o obrigassem a saltar aqueles obstáculos todos quando ali mesmo ao lado tinha um caminho tão plano, lá se começou a esticar, a

Os espanhóis, melhor montados do que nós (nós é como quem diz eles), alambazam-se com os primeiros lugares da classificação.

E a sua bandeira conserva-se teimosamente no tópo do mastro.

Ah! Se a nossa a pudesse substituir!

Há menina que não tira os olhos do mastro. E' uma fascinação!

Mas eis que um dos nossos, em prodígios de arte e de vontade, conseguiu limpar um percurso em menos tempo que os espanhóis. As palmas estrugem.

E' a nossa bandeira que sobe agora.

As meninas, delirantes, não tiram os olhos do mastro!

Um chá submarino. A prova dos bonés

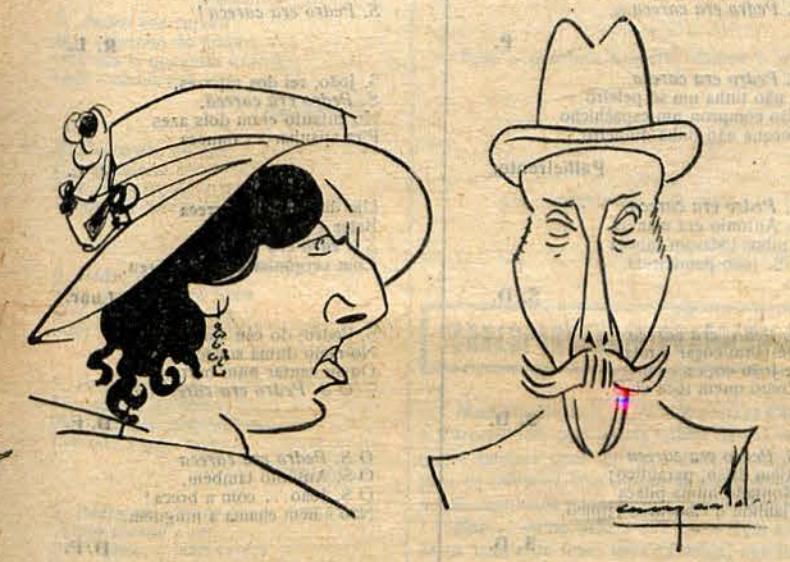
Chega o intervalo. O alto-falante, sempre mal-falante, convida tóda a bela sociedade a tomar chá, um chá submarino, pois que a chuva continua a cair, como se fôssem pétalas de rosa.

Sentamo-nos. Há pares esgrouvia-

está desta vez muito sentado na *pésage*, a gozar a *paisagem*.

O Licínio e o Barreira, sempre juntos, como Castor e Pollux, dão as costas ao campo e entregam-se a um outro *sport* mais lucrativo, o da conquista.

O Dr. Pereira Salgado, trocaria de bom grado aquela prova por uma das



dos que dançam ao som do alto-falante, cada vez mais constipado. Ri-se, namora-se, fala-se mal uns dos outros.

E começa a segunda prova, a prova dos bonés. Tantos foram os bonés de oficiais que caíram, que ficamos convencidos que ganhava aquele que chegasse ao fim com o boné na cabeça.

Notas soltas

O Dr. Teixeira Bastos, habituado a ver cavalos de todos os feitios, ligou pouca importância à prova.

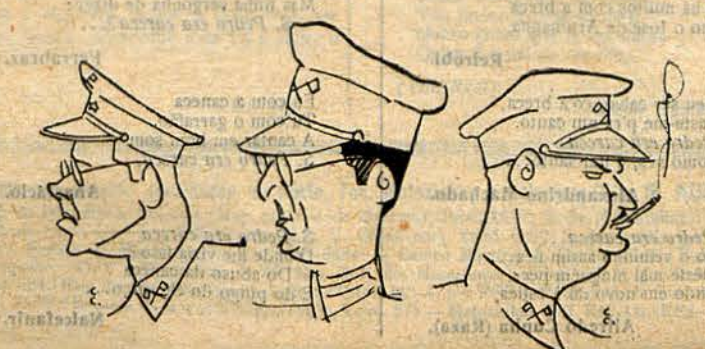
O engenheiro Bernardo Ferreira, um mártir sempre a fazer de juiz de campo,

muitas provas por êle usadas nas reacções químicas.

O Sr. Marques da Costa, pai, dizia, embevecido:

— Isto será muito bom, mas não chega ao carro do meu filho!

A flor do Cunha da Raza, com a chuva, crescera mais um palmo.



Há uma menina graciosa que queria que um dos cavaleiros parasse no ar, por cima de um obstáculo, para lhe tirar uma *pose*.

Houve um doutor, cujo nome não digo nem que me matem, que, como o tempo estava um pouco frio, arranjou um lugar na bancada no meio de quatro senhoras, duas dos lados, uma atrás e outra à frente. Parecia uma amêndoa coberta!

A assistência, à saída, lembrava o acompanhamento de um entérro.

Os impossíveis dêste mundo

- Apagar um incêndio com água... ardente.
- Nadar com os braços... numa cadeira.
- Jogar o yó-yó com o fio... da espada.
- Apresentar queixa contra o cabo... numa lima.
- Fabricar um alter com bolas... de sabão.
- Fechar a porta com uma chave de parafusos.
- Promover uma reunião numa câmara... de ar...
- Segurar as calças com um cinto... de salvação.
- Construir uma casa com pedras... de esquero.

Alberto Henriques da Silva.

S. PEDRO ERA CARECA

Onde se prova que nem só os peludos merecem as honras de serem cantados

P'ra você Campos Monteiro
Ter no queixo de rabeca
Barbas que valem dinheiro,
S. Pedro era careca!

L.

E agora todo vaidoso
Sem direito, com a breca!
Diz altivo e desdenhoso:
S. Pedro era careca.

L.

S. Pedro era careca
E sabe Você porquê?
Porque só tinha cabelos
Num sitio que se não vê...

Laró.

S. Pedro era careca,
Guardava as chaves do Céu,
Do teu coração as chaves
Quem as guarda só sou eu.

Helga.

S. Pedro era careca
Mas só por economia.
Era levado da breca,
Pois nem a barba fazia.

Monteiro II.

S. Pedro era careca,
Mas era bom tocador;
Tocava pífaro, rebeca,
Flauta lisa e tambor.

Ricardito.

S. Pedro era careca
Pedi ao Senhor Cabelo
Pode correr seca e meca
Que continua sem tê-lo.

Mário Soares.

S. Pedro era careca
Mas já foi mui cabeludo,
Eu sei de uma boneca
Que rapa sovacos e tudo.

R.

S. Pedro era careca.
Mas, tinha muito juízo,
Apreciava a soneca
De noite, no Paraíso.

Zephyro.

S. Pedro era careca
Anda todo, arder em brasa
Jurou que havia de pôr
Careca, o Cunha da Raza.

João Tino.

S. Pedro era careca
Ao cabelo chegou banha,
Mas há muitos com a breca
Como o José de Artimanha.

Reirobi.

Por eu ser calvo, co'a breca,
Atraste-me p'ra um canto.
S. Pedro era careca
E, como vês, é um santo...

Alexandrino Machado.

S. Pedro era careca...
Todo o velhinho assim fica...
Só d'este mal ninguém peca
Quando em novo dá à estica,

Alfredo Cunha (Raza).

S. Pedro, pelo direito,
Era levado da breca...
Tinha só este defeito:
S. Pedro era careca.

Ventofresco.

S. Pedro era careca
E eu tenho a cabeça assim...
Fiz do cabelo hipoteca,
P'ra arranjar dinheiro, enfim.

Catavento.

S. Pedro era careca...
Assim tenho eu um Amigo,
Conhecido por Maneca,
Que se dá muito comigo.

Calma.

S. João rapioqueiro
Era levado da breca
O outro quebrava cântaros
S. Pedro era careca.

P.

S. Pedro era careca
E não tinha um só peleiro
Não comprou um capachicho
Porque não tinha dinheiro.

Palheiroto.

S. Pedro era careca,
S. António era maneta.
Ambos tocavam rabeca
E *S. João* pandeireta.

S. D.

S. Pedro era careca
De tanto coçar a tola;
S. João coça a «caneca»
Como quem toca viola.

S. D.

S. Pedro era careca
Além disso, paráltico;
Montado numa pileca
Ganhou o Concurso Hípico.

S. D.

S. Pedro era careca
A's portas do céu dormia
E em cima da soneca
Não lavava a «melancia».

Só Darco.

S. Pedro era careca
Mas tinha algum cabelo,
Mas caiu-lhe com a breca
Ficando logo sem pelo...

Esoj Otrebla.

Há muito que me queria ver
O meu amigo Maneca,
Mas tinha vergonha de dizer:
— *S. Pedro era careca?*...

Ferrabraz.

Eu com a caneca
Tu com o garrafão,
A cantar em bom som
S. Pedro era careca.

Anastácio.

S. Pedro era careca
D'onde lhe viria isso?...
— Do abuso da caneca
E do pingo do chouriço...

Nalcefanir.

S. Pedro era careca
Como o José d'Artimanha,
Este tem maior maleca
E inteligência tamanha.

Hó! Rei Artur.

S. Pedro meio sisudo
Foi dormir em uma soneca;
As mças viram-lhe tudo...
S. Pedro era careca!!!

Sepol.

S. Pedro era careca
Pedi muito ao Senhor,
Que lhe desse co'a breca!
Uns pelinhos ao redor.

Octávia Maria.

Ao céu já fui d'avião,
(Eu sou levado da breca)
E vi com espantação,
S. Pedro era careca!

R. L.

S. João, rei dos rapazes,
S. Pedro era careca.
No entanto eram dois azes
P'ra apanhar a camueca.

R. L.

Um dia foi um marreca
Bater à porta do céu.
S. Pedro era careca,
Com vergonha não lh'a abreu.

Rutra Luar.

S. Pedro, do céu chaveiro,
No meio duma soneca,
Ouviu cantar num berreiro
— *O S. Pedro era careca...*

D. F.

O S. Pedro era careca
O S. António também,
O S. João... com a breca!
Não é nem chama a ninguém.

D. F.

O S. Pedro era careca,
Mas ser careca é calita,
Há neste mundo careca
Muita careca bonita.

Delfim de Freitas.

«*Sant'António da Charneca*»,
«*S. João dos Bemcasados*»,
S. Pedro era careca:
— *Protectores dos noivados.*

Zangorlipanfas.

S. Pedro era careca
A Deus, pediu permissão,
P'ra comprar o capachinho
Ao Manecas, do Bolhão.

Rei do Orco.

S. Pedro era careca
E se ficou sem cabelo,
Foi por jogá-lo à sueca,
Lá p'ra os lados de Lordelo.

Tripeiro.

Olhos de intenso brilho
Diz Rita ante a careca:
— *Ciúme p'ra quê, meu filho?*
S. Pedro era careca!...

Scalabitanus.

S. Pedro era careca
E um careca de gênio
A' sombra dessa careca
Tento eu ganhar o prêmio.

Bordalesa.

S. Pedro era careca
E ao vê-lo assim tive dó
Viagei por Seca e Meca
P'ra lhe comprar um chinó.

Quim Grande.

Santo António foi da breca
Levadinho — e S. João —;
S. Pedro era careca
E dos três o Campeão.

Amador.

S. Pedro era careca
Como o Patela d'Espinho
Mas coitado, não usava
Como ele um capachinho.

Gato Preto.

S. Pedro era careca
E pediu ao padre eterno
Que lhe mandassem uns pelinhos
Para passar o inverno.

Domador de Sogras.

S. Pedro era careca
Mas sãozinho do miolo;
Não era lá qualquer «meca»
Que o cemia por tolo.

Faudelírio.

S. Pedro era careca
F'êste defeito encobria;
Mas levava-se da breca
Quando a careca se via.

Dr. Pretito.

S. Pedro era careca
Nem um só cabelo tinha
E só tu minha boneca
Naceste tão peludinha...

X.

S. Pedro era careca
Mas amigo da folia;
Mocinha que lh'agradasse,
Era rara a que fugia...

Alcino.

S. Pedro era careca.
Careca tornou a ser.
Dos Santos, o mais careca.
Foi careca até morrer.

V. A.

S. Pedro era careca
Mas muito namorador
Era levado de breca
Para aventuras d'amor.

Oidil.

S. Pedro era careca
Nas ruas cá da cidade.
Abafava com sofeca.
Fraquezas da sua idade.

L. L. L.

S. Pedro era careca
Mas tinha muito miolo
— E tu, com tanto cabelo,
Nunca passaste dum tolo.

Pena Jóia.

Não chore, Zé d'Artimanha,
Ao ver calvo o seu touço...
S. Pedro era careca
E nunca peçou por isso.

A. Meneses.

S. Pedro era careca
Mas na vossa redacção,
Vejam vocês, com a breca,
Quantos carecas lá estão!!!

A. Ventura.

S. Pedro era careca
Mais careca que uma fraga
Nem possuía — que seca! —
Capachinho à Érico Braga.

Diliana.

PRÉMIOS DOS CONCURSOS

S. JOÃO e S. PEDRO

No nosso próximo número daremos a relação das quadras premiadas.

Para o próximo número, damos o mote:

Antes recorte que o Bemfica.

CORRESPONDENCIA GRAFOLÓGICA

Mademoiselle X. — *Rua de Alayres Cabral*
— Pareceu-nos, pela rápida leitura da sua carta, que a senhora deve ter uma tendência especial para os militares com ou sem graduação, desde o mais acentuado major ao mais inocente magala.
Mas... como toda a sua carta, com a moderna mania de fazer letra da moda, não passa de um borrão seguido de que se não percebe nada, seria melhor passá-la V. Ex.^a à máquina e mandar-me então a cópia dactilografada para eu, depois, lhe dizer o carácter pela escrita.

Aquela que sempre o amou — Bravo! Ora aqui está um pseudónimo de nos fazer cair a baba! Pois a-pesar d'êle, diz-nos a sua letrinha redondinha, rechonchudinha como nádegas de criança, que a senhora é uma grande... (descanse que não vamos insultar!)... uma grande volúvel e que, no seu coração, os amores se demoram menos tempo do que as moedas de dez escudos na nossa a algibeira, o que é, pode crer, um autêntico record, maior que o de 8 a 0 sobre o Bemfica!

Dr. Ox.

História curta

Mestre Agostinho,
nosso confrade,
vai a caminho
da Faculdade.
Tão pequenino,
erguida a gola,
lembra um menino
ao vir da escola.
Passam futricas,
tricanas belas;
há damas ricas
pelas janelas.
E qualquer de elas,
de olhar brilhante,
p'ra as outras diz:
— «Que amor de infante!
Lindo petiz!»
Certa tricana,
junto a Agostinho,
pede msgana:
— «Dá-me um beijinho?»
Ardenete, irado,
torcendo o rosto,
o interpelado
solta este brado:
— «Um, não! Não gosto!»
E diz depois:
— «Estou disposto,
se forem dois...»

Moralidade: o discurso
dêste cultor de cantigas
prova que, calouro ou urso,
p'ra beijar as raparigas
dispensa curso e concurso...

Alfio.

Mas... sê franca!

Disse-te um dia a brincar
Que eras bonita a valer,
Pus-te a cabeça no ar?
— Perdoa... não foi por querer.

A-pesar-do teu amor
Não me ser indiferente,
Não lhe dei grande valor:
— Tu gostas de toda a gente!

Amei-te semana e meia
Sem me ter comprometido,
Deixei-te... ficaste cheia?
Já não 'stou arrependido.

Juntinhos, muito abraçados
Vivemos horas na-messe,
Nove meses são passados...
Sem que outra coisa se desse.

Por enquanto estou calado,
Não digo nada a ninguém,
Mas disseram-me há bocado
Que estavas para ser mãe.

Sendo assim nada de intrigas,
Vou meter-te num sarilho,
Quero então que tu me digas
Quem é o pai do teu filho.

(Vila Real).

Quim Grande.

A Adega Ideal do Lavrador

doaria): L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Eiceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Coração); Trav. da Banharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braamcamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 14

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

1 DE JULHO DE 1933

Decifrações do n.º 12 — 1) Pura, 2) Maura, 3) Dardiva, 4) Descasca, 5) Fenómeno, 6) Caopincha, 7) Indiota, 8) Irvila, 9) Caicha, 12) Cevada, ceda, 13) Valete, vate, 14) Damião, Dião, 15) Comvinada, 16) Subsídio, 17) Sinfães, 17) Agua mole em pedra dura, tanto dá até que a fura.

Decifrações — Rei do Orco, 15; Ofier, 15; Reirobi, 14; Busina, 14; Horaciano, 13; Feirante, 12; Tripeiro, 11; Seria, 9; Lérias, 9.



Enigma em verso

(Oferecido ao velho amigo e camarada Kizal com um apertado abraço)

(1)
Atenção! Muito cuidado!
Mioleira em movimento
E' trabalho endiabrado,
Que te vai causar tormento.

Estás a postos? Muito bem,
Vou o enigma começar,
Quero, portanto, ver quem
O consegue decifrar.

O que é que quem o tem
Com todo o prazer carrega,
Mas se é dado por alguém,
Irritado, o arrenega?

Como és bom caçador
Já o mataste com certeza.
Perdoa, pois, por favor,
Dêste trabalho a pobreza!

Rei Fera.



Charada em verso

(2)
Um animal conheci, — 1
Que bons serviços nos presta;
Boas aves possui
De penacho na cabeça. — 2

Esta corda pouco atada,
Podê o leitor decifrar,
Tenho eu uma pontada, — 1
Que por Deus há de passar.

Agora só mais lhes digo,
P'ra melhor elucidar
Que poucas são as mulheres,
Que ao gajo possam escapar.

Rutra Luar.

Novíssimas

(3)
Este metal, acredita, é doce. — 2, 1.

Sepol.

(4)
O recipiente que encontrei no oceano
pertencia àquele homem. — 2, 1.

Rutra Luar.

(5)
O animal que estava na extremidade
do navio, mordeu o meu compadre.
— 1, 1, 1.

Busina.

(6)
Para os lados de Lisboa quando se
oferece ocasião, causa pena ver um mili-
tar. — 1, 1, 1.

Ohnidog.

(7)
Mulher igual a ti, já eu visitei, com
certeza, por engano. — 2, 1, 1.

Sepol.

(8)
Ande que se o meu filho já dorme
é porque lhe dei um fruto. — 1, 2.

Rutra Luar.

(9)
Aquele homem atirou a esfera a qual
foi derrubar a planta. — 1, 2.

Monteiro II.

(10)
Aquele animal seguiu esta direcção
para chegar a tempo de entrar no cer-
tamen. — 1, 2.

Monteiro II.

(11)
Com um instrumento de pau e outro
de corda, poderá fazer-se, um instru-
mento de pau e corda. — 1, 3.

Busina.

(12)
Suspende a oração, mulher! — 1, 2.

Serigaita.

(13)
Aquilo que está no pavimento aqui
em casa, é calçado. — 1, 1.

Monteiro II.

(14)
Ponho a carne no lume e tu acredita
em mim porque te darei uma substân-
cia doce. — 2, 1.

Rutra Luar.

Sincopadas

(15)
3 — Se ouço algum gemido, já sabes
que te desanco. — 2.

Busina.

(16)
Oxalá que o combate sirva para esta-
belecer a paz! — 3-2.

Lérias.



Tipográfico

(17)
Formar o nome de uma terra por-
tuguesa com as letras da seguinte frase:

EL VOND CAIDO

Rutra Luar.



Provérbios a adivinhar

(18)
A minha prima Maria,
Uma pequena engraçada,
Passa todo o santo dia,
A rir por tudo e por nada.

Chega a causar arrelia,
Tal mania inveterada!
Está certo que a gente ria
Mas só de alguma piada.

Estou farto de lho dizer,
Mas ela, que não quer crer,
Não atende ao meu aviso;

Ao que eu lhe digo então,
Não te esqueças do rião:

Lérias.

RITZ
Laminas RITZ
Delotas a melhor, especial
para barbas duras, todas
as boas casas a vendem a
1 escudo, dep. 102, 3.º Av.
dos Aliados, Telej. 4650

Editorial

Portugal, como diz e muito bem o grande Rabestana Dr. Campos Monteiro, pai, é um país com as seguintes condições climatéricas: nove meses de inverno e três de mau tempo.

Tomada como base esta simplificada regra de três, 9 igual a 3x3 e 3 igual a si mesmo, fácil seria conjecturar que os sapatos brancos são por demais desnecessários e as calças de flanela branca, só tem serventia no inverno, e ainda assim, só por baixo de umas saias bem aconchegadinhas.

Mas ainda assim, ignorando a máxima do ilustre astrólogo supra-mencionado, há criaturas que se dão ao lamentável desporto de ir tremer um mês inteiro para uma praia turisticada de roleta e banca francesa, ou de ir tomar inalações nas guelas, armadas do respectivo sobretudo e cache-col de lã.

E também há quem, desprezando as mais rudimentares regras que a Conferência Económica de Londres preconiza, arraste a cruz até ao ponto de rebocar a família, a criada e os respectivos adjectivos viventes, como sejam o canário e a sogra, até às lídimas paragens duma praia circunjacente, ou às estruturais cercanias dumas águas nascentes e muito milagreiras.

E' para estes, meus senhores, ou para estas, quando não haja homens na família, minhas senhoras, que se publica "O Mergulho".

Nele se encontrará tudo quanto deve saber-se acerca desta parte do turismo nacional, todos os conselhos salutarres e tôdas as indicações que se não encontram no guia do perfeito veraneante.

Artríticos, Reumáticos, Gotosos, Diabéticos, Albuminúricos, Chagados, Sifilíticos de tôdas as Epocas!... Lede "O Mergulho" e nele encontraréis o que vos falta!

As Praias

E' muitissimo antigo o vício de ir para a praia. Sabemos de fonte limpa que o velho Vasco da Gama, já frequentava estes lugares de perdição. E a Vénus Afrodite quando saiu das ondas, veio dar à praia num estado interessante.

A praia é um lugar muito parecido com a cabeça de certas mulheres: tem areia. E como as mulheres, também tem sal, porque a água do mar é salgada por causa do velho costume de se deitar para lá o bacalhau da Terra-Nova. Também, como a cabeça das mulheres, as praias tem ondas permanentes que não é preciso mandar marcelizar.

A's praias veem, de vez em quando, dar os peixes mais bizarros: pescadinhas tão gaiatas que até apetece meter-lhe o rabo na bôca; baleias de um tamanho quasi sobrenatural capazes de engulirem um peixe-espada inteiro; fanequinhas que são uma consolação; mexilhões que mais se adivinham que se veem; e cada truta de se lhe tirar o chapéu. De noite, também se vê uma ou outra enguia e se escorrega em pegajosas lulas.

Também há mulheres que são verdadeiros polvos, cheias de ventosas e homens que não passam de caranguejos.

A vida nas praias

A vida nas praias é sempre a mesma desde que o mundo é mundo. Deitar-se a gente às tantas e mais uma a fazer projectos de se levantar muito cedo para ir ver tulana tomar banho. Andamos mortos por ver o recorte escultural daquele divino corpo; mas, no dia seguinte, quando chegamos à praia; já a diva está a conversar no toldo com meia dúzia de marmanjos. Depois vamos almoçar peixe podre porque nas praias não há carne, e fazemos propósitos para ir de tarde ao Casino ouvir a música da voz dela que é tão linda, e deitar duas coroas no 17 que anda tão arreado. E' claro que vamos primeiro ao 17, que não vem na 1.ª, nem na 2.ª, nem na 3.ª vez. Quando se digna vir, já a música acabou e são horas de jantar o resto do peixe podre do almôço com um molho delicioso de tomates.

Durante a refeição obsecou-nos a ideia de ir dançar à Assembleia uma valsa com ela, deliciosa, levissima, giratória. De caminho, porém, passamos por aquele tasco conhecido onde se desazeda o estômago da mistela do hotel. Entramos. E quando chegamos à Assembleia já a Valsa tinha passado, e ela, a tais, a nossa, estava absolutamente arrombada com uma *rumba* que

tinha acabado de cavalgar com o Isidoro dos Fósforos.

A vida de elas

Isto em nós, barbudos representantes do sexo da cara rapada à escovinha. Porque a vida delas, das avezinhas que saltitam donairosas nos nossos sonhos de adolescentes, e pesam estrondosamente nos nossos pesadelos de *apres-conjugo*, é muito diferente. E não esplanaremos hoje o que representa o decorrer de 24 horas numa praia para uma arvéola porque é tarde e amanhã temos de nos levantar cedo para ir assistir ao banho de *Fulana*. Falamos para a semana.

As Termas

As Termas foram criadas, descobertas e aproveitadas para tudo: desde a cura da queda dos calos até à canalização da vida aos mortos.

Há termas para tudo na nossa querida terra; *chics*, de meio termo e de Manteigas.

Há banhos de tudo, nas termas. De lódo, de chuva, de lama, de poeira, de enxôfre e de igreja.

Estes últimos são arrançados entre o primeiro *fox-trot* e o último tango. Também se cultiva ainda o banho de serenata que só tem graça quando as banhistas aparecem em trajos incompletos às sacadas.

Quasi tôdas as termas portuguesas são muito antigas: haja em vista a passagem das Termas... opilas, e já estará explicada a razão porque Xenefonte era um artrítico. E quantos Caldas há em Portugal? A's centenas, salvo seja!...

A razão de ser de "O Mergulho"

E' esta: é preciso que os portugueses conheçam as maravilhas de Portugal. Prometemos, portanto, começar no nosso próximo número com uma reportagem sensacional das primeiras praias e termas da nossa terra, onde esplanaremos os maiores acontecimentos lá passados, as curas de repouso efectuadas e os mergulhos mais em evidência. Para que o leitor possa fazer uma ideia do que serão essas reportagens, desde já asseguramos que ficou contratado o sr. Raul de Caldeira para reclamar o que for necessário.

Também prevenimos V. Ex.ª que não se admitem reclamações.

Para
Pintar Use
aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10 minutos
dura 10 horas
anos

Certo dia, tio António,
A conselho da patroa,
Embora fôsse campónio,
Foi ver de emprêgo a Lisboa.

Só para aprontar as malas
Levou dois dias ou três;
Depois de ouvir muitas falas
Té umas ceroulas fêz
A conselho de um vizinho
Pois no caso de romper
As calças pelo caminho
Já não deixaria ver
O que à mostra ficaria
Sem a dita indumentária.
A princípio não queria
Roupa extraordinária.
Mas, afinal, consentiu,
E no dia da partida
As tais ceroulas vestiu
E lá foi tratar da vida.

Ao chegar à estação
Dirigiu-se à bilheteira
Onde comprou um cartão,
Um bilhete de terceira.

Quando o comboio chegou
Tio António, sempre alerta,
Imediatamente entrou
P'la porta que viu aberta.
Viajando p'la primeira
Vez, sem ninguém que o guiasse
Não embarcou em terceira
Foi p'ra primeira classe.

Ao sentar-se, — que tormento!
Ficou bastante encravado
Ao sumir-se no assento
Muito fôfo e estofoado;
Chega, em breve, o revisor
Que lhe diz muito zangado:
O seu bilhete, senhor,
Serve para outro lado!...

...E lá se foi, mestre António,
Largando raios, coriscos,
Levadinho do demónio
P'ra um vagão de três riscos.

Sentado, agora, n'um banco
De madeira, vai olhando
Com seu olhar rude e franco
Os campos que vão passando.

A certa altura — que espiga! —
Em calças pardas se mete:
Sente dores de barriga
Mas não há uma retrete
Naquele compartimento!...
Só na estação da Amadora
Aliviou seu tormento
Na sentina salvadora.

A' pressa, p'ra não perder
O comboio, nem seu
Que era preciso descer
As ceroulas... e obrou...

Já pronto, aliviado
E com as calças na mão
Ficou bastante intrigado
Por nada ver no sifão.
Não tendo tempo a perder
Em pesquisas, êle diz:
Que me importa a mim saber
Daquilo que eu sei que fiz?!

Volta ao compartimento
Alegre, com outro ar
E ao retomar o assento
Começa logo a gritar:
O' senhores!... Com franqueza!...
Não sei como me enganasse!...
Mas o assento tem moleza...
Voltei p'ra primeira classe?!

Dr. Pretito.

Chamem-lhe tólo!

Sem se importar com lamúrias
Da gente palaciana,
Casou com rica cubana
O príncipe das Astúrias.
O facto provocou iúrias
Aos pais e mais parentela,
Todos em viva querela
Pelo acto irrespeitoso,
Mas o noivo foi teimoso
E casou *mêmo* com ela.

Então teve que abdicar
Em favor de um seu irmão
(Mas que grande ralação
Isso lhe deve causar!)
O que êle quis foi mostrar
Que é uma destas pessoas
Que não vão atrás de loas,
Como qualquer *pê de salsa*:
Trocou uma c'roa falsa
Por muitos milhões de c'roas.

Bisnau.

Concurso da Molhadura

Só hoje podemos dar a relação das pessoas premiadas no nosso Concurso da Molhadura, que são as que se seguem:

1.º prémio, n.º 1643, *1 pipa de vinho*. Salu ao Sr. Joaquim Alves de Sousa, morador na travessa de Serpa Pinto, 41, Pôrto.

2.º prémio, n.º 6010, *1 presunto de Lamego*. Está na *Adega Ideal do Lavrador* rua do Bom Jardim, 363, à disposição do possuidor da respectiva senha.

3.º prémio, n.º 222a, *1 arroba de bacalhau*. Salu ao Sr. José de Oliveira, morador nas escadas da Vitória, 11, Pôrto.

Posta restante

Zé Caminha — Obrigado pelos recortes. Queira ter o incómodo de passar pela nossa redacção das 6 às 7. Menos ao sábado, porque é o dia de lavarmos os pés convenientemente.

Tripeiro — Miramar — Gratíssimos. Vamos a ver a primeira aberta. Não calcula como estamos atrozados no Descanso Semanal. E' um nunca acabar de burficação nesta terra.

Olegna — Os feijões não verão a luz do dia. Cortaram-lhe o mal pela raiz.

Sonates — Recebemos sim senhor. Infelizmente êsses artigos teem de ficar na gaveta até um dia. Não rasgamos.

Ema Ouida — Mohambe — O que nos diz sobre a forma como tratamos os nossos irmãos de além-mar é injusto. Pode crer que temos mais cuidado, se é possível com os amigos daí do que com os de cá. A prova é a nossa Secção *Branco no Preto* criada para esse fim exclusivo. Temos ainda — sem inutilizar — os seus versos sobre o *Ecos*. Não os publicamos até hoje, porque êste caso do *Ecos* teve o condão de despertar todos os poetas e escritores. No primeiro número do nosso suplemento africano acima nomeado verá produções suas.

Candimba — Mossamedes — Obrigado pelas boas palavras. Será publicado. Se cada assinante ou leitor arranjasse um outro, seria o ideal para a eterna juventude da nossa MARIA.

Dr. Pretito — Sempre gratos às suas boas palavras. Agora já sabemos que estamos a lidar com *alguém* das nossas lides. Toda a MARIA RITA à sua disposição.

A Estante da MARIA RITA

O «Pintor de Santas», novela de Horácio de Castro Guimarães.

Horácio de Castro Guimarães, além de ser um professor distintíssimo, é um apaixonado cultor da nossa língua. Quando, há mais de dez anos, nos deu a sua primeira novela «Carne Pecadora», logo se revelou um lapidador interessantíssimo de frases e de conceitos, e um analista severo de corações alanceados. E se nessa altura tivéssemos a MARIA RITA, humoristicamente lhe diríamos muito a sério, que havia de ser alguém nas nossas letras, porque conhecíamos a sua maneira de trabalhar: correcta, porfiada, constante.

A sua última novela «Pintor de Santas», chegou-nos às mãos sem que nos admirássemos de a receber, porque sabemos que êle há-de continuar.

Neste seu trabalho dá-nos o autor um conto pequenino que se lê de um fôlego e onde perpassam figuras que conhecíamos por fora e que Horácio Guimarães nos mostra por dentro.

A austera religiosidade do nosso Minho, os seus costumes ríspidos e inquebráveis, a bellissima paisagem dêsse rincão português, tudo isso a novela nos dá, completa e belissimamente tratado.

E' pena que Horácio Guimarães nos não dê obra de maior vulto. Quem escreve como êle, seguro da sua língua, com facilidade de descrição, com profundidade de conhecimentos humanos, devia dar-nos um romance que não fosse apenas como êste, um esvoaçar de possibilidades, e se tornasse numa certeza que nos seria grata.

Um bom abraço e mil desejos de vitória.

Agradecemos

A' D.^{ma} Direcção da grande Companhia do Papel do Prado, uma magnífica colecção de postais ilustrados representando além dos aspectos mais importantes das suas fábricas, as fotografias da sua incomparável maquinaria. Agradecemos a gentileza da oferta e intimamente guardamos o que ela representa de distinção.

Um ar da minha graça

Contos e conferências humorísticas

POR

JOSÉ DE ARTIMANHA

Esgotado o primeiro milhar da primeira edição.

Ler o

Um ar da minha graça

é ter a certeza de algumas horas bem passadas.

A' venda em tôdas as livrarias

S. JOÃO ADORMECEU...

mas acordaram os poetas. Olha o alho! Olha o alho! Olha o alho!

Damos hoje publicidade às quadras de S. João que, por falta de espaço, não inserimos no número anterior.

S. João — dizia a lenda:
Gostava do manjerico;
Uma vez foi a uma venda,
E bebeu por um penico!...

Judeu Irrante.

S. João e manjerico,
Fogueiras da minha terra:
Estrêlas do infinito,
Amor que uma noite encerra...

Romântico.

Na noite de S. João
Meus olhos são dois faróis,
Enquanto não vem a sogra
Metida em «vale de lençóis».

A. H. da S.

Por causa do manjerico
Todos fazem roubafeira...
Até eu com essa fita,
Roubei um beijo à «sopreira».

Alberto Henriques da Silva.

S. João, dizia um dia:
O' meu amor, quem me dera,
Ficar contigo Maria,
Enroscado numa hera.

Rei Ramiro.

Dos santos rapioqueiros,
O primeiro é S. João;
Poís inda tinha cuieiros,
E já era um manjanjão...

Rei dos Nabos.

Oh, noite do S. João!...
Oh, noite das orvalhadas!...
Essa noite é dos «pifões»,
E das cabeças quebradas...

Alberto Henriques da Silva.

Em noite de S. João,
Queimei alcachofra aos molhos,
E também meu coração
Na fogueira dos teus olhos!...

Violeta.

De manjerico na orelha,
S. João foi com cantigas
A's fogueiras, — noite velha...
Bailar com as raparigas.

J. do M.

Já tontinho e sem cuidados,
S. João foi nas cantigas!...
Envolveu-se nos bailados,
— Braço-dado às raparigas.

João do Minho.

Minha alcachofra murchou
Fiquei sem o manjerico;
S. João não me escudou
De-certo solteira fico.

Dr. P.

Fogueiras de S. João
Tão alegres, tão antigas!...
São feiras do coração
Dos moços e raparigas.

Dr. Pretito.

O' môça arregaça a saia;
Arregaça com geteira,
Para não se verem as ligas
Quando saltares a fogueira!...

Falipa Negra.

Manjerico perfumado,
Quem te deu tanta atracção?!...
Aproximas namoradas...
Pões a tôdas num vulcão!...

Dália Vermelha.

Quis saltar, MARIA RITA
A fogueira, e a saia ergueu...
Ao ver perna tão bonita,
Tudo tirou o chapéu!...

Orquídea Nabiça.

Fiz tão grande brincadeira,
Saltei, dancei em redor...
Cheguei-me tanto à fogueira,
Que queimei o sim senhor!...

Margarida Rosa.

Pra que S. João não sofra,
Compaixão tende e carinho
Deitando a vossa alcachofra
A pensar neste santinho.

Dr. P.

Minha alcachofra murchou
Com o calor da fogueira;
S. João não me escudou,
De-certo fico solteira!...

Dr. P.

De manjerico na orelha,
S. João foi com cantigas
A's fogueiras, — noite velha —
Bailar com as raparigas.

J. do M.

Já tontinho e sem cuidados
S. João foi nas cantigas!...
Rapiocou nos bailados
— Braço dado às raparigas.

João do Minho.

Quando chega o S. João,
Os corações põe-se em brasa...
Ficam a arder num vulcão,
Junto ao do Senhor da Raza!...

Cravina Branca.

No dia de S. João,
Baila tudo minha gente...
O Manel e o Simão,
A Maria e o Vicente!...

Romeu.

Ao saltar uma fogueira,
Escaldou-se o S. João...
Môças que estavam à beira,
Curaram-lhe o escaldão.

Sacripanta.



Boa resposta

Devia Horácio Granados
Ao seu amigo Valdez
Cem escudos, que uma vez,
Apertado de finanças,
Lhe pedira empresta... dados,
— Como fazem as crianças.

Um mês passou, todo inteiro
Sem que o Valdez, é claro,
Voltasse a ver o seu caro,
O seu chorado dinheiro!

Um dia, de olhos irados,
Ao encontrar o Granados,
O Valdez que, p'rá pregar
Não se pinta, não se poupa,
Disparou-lhe à queima-roupa
Esta frase seca e breve,
De fazer encavacar:
— Então, Granados amigo,
Já se esqueceu que me deve
Aquela nota de cem?

Logo, marche como um figo,
O Granados: — Eu lhe digo!
Não me esqueci, não senhor!
Inda me recorda bem! —
E mais obsequiador:
— Desculpe, amigo Valdez,
E um favor

Só lhe peço:
E' esperar mais um mês
E verá como eu me esqueço!

Dr. Knox.

O calçado de fama

DIANA

Vendas a prestações com bonus

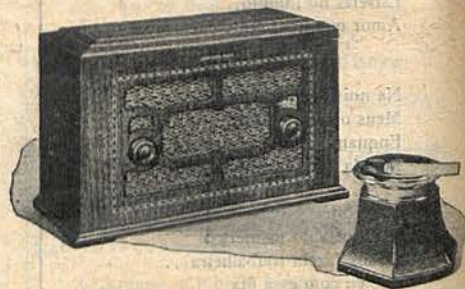
53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

Telefone, 5422

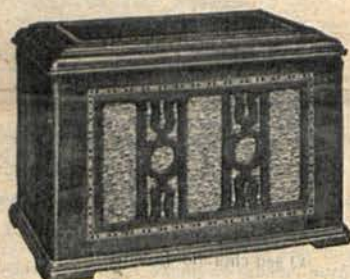
3 ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização triplo. Caixa de execução cuidada em noqueira.

Esc. 1.000\$



Modelo 155



Modelo 555

Esc. 1.600\$

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Esc. 2.450\$



Modelo 246

ELECTRÓNIA, L. da

P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800